

ABRIR O CORPO AO ANIMAL, AO MINERAL, ÀS PLANTAS, AO COSMOS

Angela A. Donini¹

RESUMO

As questões que me mobilizam estão relacionadas ao pensar acerca dos processos de produção, recepção e circulação de trabalhos no horizonte da performatividade a partir de um processo que amplia a noção de performance para diferentes contextos, meios e linguagens, articulando subjetivação e criação como práticas de descolonização.

PALAVRAS-CHAVE: performatividade, corpo, animal, subjetivação, descolonização

“Todas as forças morais civilizadas em colaboração com o sistema de economia capitalista e aquele da política excluem firmemente a carne como objetivo, meio ou instrumento de alegria. Sem dizer que o uso da carne sem objetivo, que eu chamo de dança, será o inimigo mais execrável e um tabu para a sociedade produtiva. Isso porque minha dança é uma operação para exibir a esterilidade absoluta contra a sociedade produtiva. Ela partilha um fundo comum com os crimes, a homossexualidade, as orgias, os ritos. Neste sentido, minha dança é baseada em uma luta contra a natureza primitiva, ela se faz sobre todas as ações autônomas e que contém os crimes, a homossexualidade, e se constitui como uma revolta contra a alienação do trabalho humano na sociedade capitalista. É por isso que os crimonosos estão presentes na minha dança.” (HIJIKATA)

As questões que me mobilizam para o diálogo que se instaura nesse espaço estão relacionadas ao pensar acerca dos processos de produção, recepção e circulação de trabalhos que podem ser considerados no horizonte da performatividade, aqui compreendo performatividade como um processo que amplia a noção de performance para diferentes contextos, meios e linguagens, trata-se portanto de algo que produz deslocamentos no sentido mesmo de pensar o descentralizar dos processos, considero que a presente discussão se configura a partir das tentativas de diálogo que venho

¹ Professora Adjunta. Departamento de Filosofia – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/UNIRIO.

propondo ao trabalhar no âmbito da filosofia contemporânea com os temas de arte e política.

Esse caminhar diz respeito à práticas que estejam implicadas na criação de acessos às dimensões que marcam especialmente a trajetória que considero invisível de nossos processos de subjetivação, chamo aqui de invisível porque o processo de colonização constante que vivemos tenta dar conta de apagar esses traços de todas as maneiras. Essas zonas podem ser consideradas invisíveis quando pensamos em termos corticais, mas não são impossíveis de acessar se colocarmos nosso corpo vibrátil pra funcionar.

Penso aqui corpo vibrátil, acompanhando Suely Rolnik², em algo que tem a ver com aquilo que escapa do plano da organização de territórios, aquilo que desorienta nossos mapas de navegação e nos provoca a criar outras cartografias, desestabilizando as representações, canalizando intensidades e dando sentido ao inaudível e rizomático.

Suely vai dizer que a especificidade da arte enquanto modo de produção de pensamento é que na ação artística as transformações de textura sensível encarnam-se, apresentando-se ao vivo. E para ela, daí vem o poder de contágio e de transformação que a arte é potencialmente portadora, é o mundo que ela põe em obra.

O desejo de pensarmos sobre os acessos parece fazer sentido quando olhamos para as forças mobilizadas nos processos de encontro com a diferença, são forças que exigem uma dinâmica de desobstrução dos fluxos egóicos, de desobstrução do plano da consciência, de enfrentamento ao adestramento.

Essas questões combinam bastante com o que o André Lepecki³ chamou de esgotamento do conceito de movimento. De acordo com Lepecki, parte da coreografia das últimas décadas se colocou a tarefa de dismantlar uma ideia de dança - aquela que associa dança com fluxo contínuo de movimento e com pessoas que dão saltos, com ou sem música. Portanto, estamos diante de um momento de crítica ao cinético que corresponde ao que a modernidade impôs como ação real, estamos diante da crítica ao

² Rolnik, Suely. "Fale com ele" ou como tratar o corpo vibrátil em coma. Disponível em: <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/falecomele.pdf>

³ Lepecki, André. *Agotar la danza. Performance y politica del movimiento*. Espanha, Universidad de Alcalá, 2008.

projeto de dança ocidental que esteve alinhado com a produção e exibição de um corpo e uma subjetividade para executar uma mobilidade.

Então podemos nos colocar um desafio sobre essa relação entre pensamento e arte. E porque então pensar a arte como uma forma de pensamento? Me parece que o fato é que existe uma estreita relação entre aquilo que se instaura por meio de performatividades com o modo como o pensamento se configura. Então, ir atrás de que pensamento é esse que se articula ou se separa do corpo é questão vital. Aqui recorro a questão vital porque penso que a ação biopolítica toca a todos, e que as pessoas que dançam, que fazem performance, não estão fora desse circuito de constante captura por forças que nos deixam perambulando, cujos efeitos produzidos são de esgotamento e morte da potencia vital.

Provocar rupturas com os procedimentos imagéticos que atuam nos traços da memória colonizada, e com isso não remeter mais a linguagem corporal a objetos enumeráveis e combináveis, tampouco a vozes emissoras, produzir deslocamentos que processem limites imanentes à ancestralidade que nos atravessa, e que a colonização oprime e silencia.

Pensar os processos que articulam a subjetivação com a criação em termos de descolonização traz um intenso desejo de olhar para os lugares de onde vem a instauração de mundos que se anunciam, por exemplo, na dança e na performance a partir de um corpo mais articulado com um além do humano, pensando especialmente o quanto que os processos singulares de dança afro, indígena e até mesmo o butoh acionam outros elementos e conversam com estes outros elementos a partir daquilo que chamei aqui acompanhando a Suely rolNIK de corpo vibrátil.

Para colocar em diálogo esse pensamento proponho olharmos para a constituição da sociedade moderna ocidental a partir de dois percursos: um tem a ver com o desaparecimento da vida animal e o outro com a criação das categorias de raça/etnia.

Em termos da questão do animal o que vemos é que o processo de modernização colocou os animais como sempre observados, observados em zoológicos e com isso a marginalização. Temos o animal sempre observado pelo humano, o fato de que eles podem nos observar não existe e aqui para vem bem forte esse desafio de que quando

compomos um processo que supostamente se estabelece na relação entre um corpo humano e o de outros elementos da natureza, será que de fato o que se tem é um processo que se estabelece na relação entre, ou é um olhar a partir de nós e com isso seria apenas um passeio pela existência de algo diferente mas que ao mesmo tempo se volta para si?

Me parece que faz muito sentido pensarmos o esgotamento do movimento, desse movimento que sempre se volta para o humano quando pensamos na relação que temos com os animais que fortemente caminhou para o lugar da jaula, do animal preso, observado no zoológico ou nas cenas cotidianas de domesticação.

Então quando se dança a partir do que muitos supostamente chamam de um devir animal ou em relação com outros elementos da natureza, fico pensando quantas camadas de humanização ainda precisamos tirar de nossos corpos para que de fato isso seja um encontro com a diferença que esses outros elementos nos suscitam.

As imersões em outras cosmologias seriam procedimentos necessários para sairmos um tanto de nossa centralidade, daquilo que é criar a partir de nossas próprias imagens, de nossos próprios contornos corporais, daquilo que olhamos.

Com o processo de extinção das espécies também existe um processo relacionado às experiências, aos sentimentos e aos modos de relação, eles também desaparecem junto com as espécies.

Os animais para os humanos são sempre objetos, não somos mais capazes de perceber os animais, estamos de fato diante de uma anulação da diferença. O olhar que se lança é de dominação e de domesticação. Não somos capazes de lidar com o que se apresenta em termos de diferença.

Estamos diante do desafio de habitar um corpo que seja articulado com uma experiência que não se relacione com o animal a partir da captura ou da classificação, para aí sim acessar o que Deleuze e Guattari chamam de devir animal, me parece que para habitar o corpo é preciso tirar o humano da posição de centralidade, trata-se de um princípio anti-narcísico que se produz relação com outros entes que se encontram como agentes.

Um outro eixo de minha apresentação trata da questão da classificação racial e étnica. A colonialidade é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial do poder capitalista. Se funda na imposição de uma classificação racial/étnica da população mundial como sustentáculo do padrão de poder e opera em cada um dos planos, âmbitos e dimensões, materiais e subjetivas, da existência social cotidiana e em escala social.

De acordo com Aníbal Quijano⁴ a classificação se origina e se mundializa a partir da América. Com a constituição da América (Latina), no mesmo momento e no mesmo movimento histórico, o emergente poder capitalista se fez mundial, seus centros hegemônicos se localizam na áreas situadas sobre o Atlântico, que depois se identificaram como Europa, e como eixos centrais de seu novo padrão de dominação se estabeleceram também a colonialidade e a modernidade. Na sequência com América (Latina) o capitalismo se fez mundial, eurocentrado e a colonialidade e a modernidade se instalaram associadas como os eixos constitutivos de seu específico padrão de poder, até hoje.

Ao longo do desenvolvimento dessas características do poder atual, se configuraram novas identidades sociais da colonialidade, índios, negros, amarelos, brancos, mestiços e as regiões geoculturais do colonialismo, como América, África, Oriente distante, Oriente próximo (ambas se tornaram Ásia), Ocidente ou Europa (Europa Ocidental depois).

A relações intersubjetivas correspondentes, nas quais se foram fundindo as experiências do colonialismo e da colonialidade com as necessidades do capitalismo, foram se configurando como um novo universo de relações intersubjetivas de dominação a partir da hegemonia eurocentrada. Esse universo específico é o que depois foi denominado como modernidade.

No processo de constituição da América como o primeiro espaço/tempo de um novo padrão de poder de vocação mundial há a constituição daquilo que Quijano chama de “a primeira identidade da modernidade”. Esses processos históricos estabeleceram

⁴ Quijano, Aníbal. *Colonialidad del Poder y Clasificación Social*. In: Journal of world-systems research, vi, 2, summer/fall 2000, 342-386. Special Issue: Festschrift for Immanuel Wallerstein – Part I

dois eixos fundamentais do novo padrão de poder: por um lado a codificação das diferenças entre conquistadores e conquistados na ideia de raça, quer dizer, uma suposta estrutura biológica diferente que localizava uns em situação natural de inferioridade em relação aos outros.

Essa ideia foi assumida pelos conquistadores como o principal elemento constitutivo, fundante das relações de dominação que a conquista impunha. É a partir dessa base que a população da América foi classificada, e depois do mundo, neste novo padrão de poder.

Portanto, o que temos é a marcação de uma diferença em termos de experiência que inclui o corporal e todos os modos de expressão das identidades socialmente construídas pela modernidade: índios, negros, mestiços se configuram como folclore, como um mundo à parte daquele da negociação de fluxos inteligíveis como expressão possível também da criação artística.

Se trata de uma perspectiva cognitiva produzida ao longo do tempo de um conjunto de práticas relacionadas ao capitalismo moderno colonial que naturalizou uma certa experiência como padrão.

Temos a consolidação de um sistema que estabelece uma concepção de humanidade e de perspectiva de experimentação artística segundo a qual a população do mundo se diferenciou entre aqueles que produzem obras e aqueles que vivenciam suas cotidianidades a partir de experiências que são consideradas apenas como observações antropológicas, não tendo um diálogo consistente acerca da criação a partir destes mundos que se instauram desde outras experiências, que conversam com a multiplicidade de elementos, espíritos, árvores, águas, animais.

Encerro a apresentação em conversa com o filósofo japonês Kunichi Uno. Ele diz que se interessa por uma dança e uma presença de corpo dentro de uma dimensão catastrófica da vida e do ser, segundo ele, o corpo como ruptura inqualificável.

Fico pensando que contorno é esse que Kunichi traz a partir da Clarice Lispector que ele cita como início de seu texto sobre Tanaka Min, Hijikata e Artaud.

Da leitura de Clarice o que Uno destaca é a extensão da carne infinita e monstruosa, e a recusa de querer realizar uma forma. Estamos em busca daquilo que Deleuze vai dizer: “lá onde a forma ainda não pegou.”

Aqui estamos diante do tensionamento entre forma e força, de alguma maneira isso foi explicitado no início do texto quando abordei em diálogo com Suely Rolnik a questão do corpo vibrátil. O que me faz instaurar essa provocação é a sensação de que ela é muito necessária para pensarmos as performatividades.

A questão que ele traz sobre o que se passa entre dança e corpo parece bastante pertinente em termos dos acessos aquilo que se apresenta como invisível na dinâmica da vida cotidiana.

“Eu gostaria, então, de falar sobre o corpo de uma certa maneira, de um certo ponto de vista, sobre o que se passa entre dança e corpo, sobre o corpo dançante, a dança que descobre o corpo ou certos aspectos do corpo que são invisíveis no cotidiano.”⁵

Para Kunichi isso também diz respeito ao corpo que coloca em questão a dança e a dança que coloca em questão o corpo. Não se trata somente do corpo de quem dança, mas do corpo que é nosso corpo na vida.

Ele vai dizer que quando viu pela primeira vez a performance de Tanaka Min, estava diante de um corpo que vivia em outro tempo, um tempo geológico em que um corpo biológico despertava lentamente, um germe petrificado florindo invisivelmente. E, em seguida, esse mesmo corpo alongado adormecia sua metamorfose sempre muito suavemente. E levantava-se muito delicadamente, como se retraçasse o tempo imenso de evolução que a espécie humana realizara um dia, andando em pé sobre duas pernas.

“Eu estava diante de uma imagem desconhecida do corpo, com um escoamento estranho de tempo. Eu descobri o corpo na imensidão do tempo que o atravessava, que o preenchia. Não captei somente a presença de um corpo desconhecido, mas o tempo fora da dimensão que tornou possível a evolução da vida, ou ao menos todas as flutuações do corpo humano sem forma, aberto sobre o tempo infinito não humano, aberto aos animais, às plantas, aos minerais, às moléculas, ao cosmos...”⁶

⁵ Uno, Kunichi. *A gênese de um corpo desconhecido*. São Paulo, n-1 edições, 2012.

⁶ Uno, Kunichi. *A gênese de um corpo desconhecido*. São Paulo, n-1 edições, 2012.

E aqui adentramos no que Suely Rolnik chamou de capacidade subcortical, que, segundo ela, por conta de sua repressão histórica nos é menos conhecida. Essa capacidade nos permite apreender o mundo em sua condição de campo de forças que nos afetam e se fazem presentes em nosso corpo sob a forma de sensações. Há a convocação para uma presença viva que se constitui a partir de uma multiplicidade de forças, e, na dissolução entre as figuras de sujeito e objeto há também a dissolução daquilo que separa o corpo do mundo.